A TRAJETÓRIA POLÍTICA E A VISÃO DE MUNDO DE CUNHA LEAL (1888-1970)

Janaina Fernanda G. de O. Bianchi (Mestranda em História – UFG / Bolsista CAPES)

Nossa pesquisa buscará apresentar a visão de mundo de Francisco Pinto da Cunha Leal, um estadista português, opositor ao regime de Salazar. Não reduziremos nossos estudos apenas às obras escritas por esse intelectual, mas buscaremos ampliar e relacionar seus escritos com sua trajetória política. Além disso**,** não pensaremos este intelectual isolado, mas sim como um sujeito transindividual, pois acreditamos que suas obras representam a consciência possível de seu grupo.

Em sua trajetória**,** Cunha Leal acumulou protagonismo em diversos cargos de relevância política. Iniciou sua carreira em 1918, quando foi nomeado para exercer o trabalho de diretor geral dos Transportes Terrestres. Durante o ano de 1920 exerceu o cargo de Ministro das Finanças no governo de Liberato Pinto. Em 1921 foi eleito para deputado por Angola, nesse mesmo ano tomou posse como Presidente do Ministério — pasta que acumulou com a de Ministro do Interior. Foi reitor da Universidade de Coimbra (1924). Governou o Banco de Angola (1927-30), período no qual começou a tecer críticas contra as ações políticas e financeiras do Ministro da Finanças de Salazar e, com isso, foi deportado para os Açores e seguiu em exílio para a Espanha, regressando em 1932. O desejo de expressar sua visão de mundo e denunciar abusos do governo fez com que Cunha Leal, publicasse e travasse debates em diversos jornais: fundou *O Popular* (1920), dirigiu *O Século* (1923) e *A Noite* (1926). Dedicou-se também à revista *Vida Contemporânea* (1934-1935) até ser preso e novamente deportado. Em exílio até 1936, foi um forte opositor ao Estado Novo. A fim de frontear essas mudanças e demostrar insatisfação com a política vigente, em 1949 apresentou-se como candidato a deputado. Em 1958 candidatou-se à presidência da república, mas devido a saúde fragilizada retirou a candidatura.

Nossa pesquisa se desdobrará sobre a questão ultramarina. Dialogaremos com outros colonizadores que escreveram sobre esse tema entre 1960 e 1965, como: Adriano Moreira, Franco Nogueira e Fernando Pacheco de Amorim. Embora todos desejosos por encontrarem alternativas para a continuidade da ação colonizadora portuguesa, divergiam de como isso deveria ocorrer. Cunha Leal defendia a autodeterminação assistida dos povos, pois acreditava que com o devido acompanhamento os territórios colonizados optariam por se tornar uma confederação, ou seja, uma única nação com Portugal.